

---

## O QUÊ? TRABALHAR? ELE? O SENTIDO DE INCONGRUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE REAÇÃO DE INCREDUVIDADE

Konrad SZCZESNIAK<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo concentra-se na Construção de Reação de Incredulidade (CRI), uma forma de classes fechadas com um sentido invulgar para uma construção gramatical esquemática. Vou procurar demonstrar que embora a CRI possui um conteúdo semântico, ele é mais geral e abrangente do que se presume na literatura cognitivista. Além disso, o sentido que a CRI transmite pode ser derivado da forma da construção. Essas duas características—sentido geral e uma relação icônica entre a forma e sentido—sugerem que a CRI não é um problema para a tradicional divisão léxico-sintática.

**Palavras-chave:** Construção gramatical, iconicidade, formas de classes fechadas.

**Abstract:** This study focuses on the Incredulity Response Construction (IRC), a closed-class form with a fairly extraordinary meaning for a schematic grammatical construction. I will attempt to demonstrate that although the IRC does have semantic content, it is much more general and inclusive than is assumed in the cognitive literature. Furthermore, the meaning of the IRC can be derived from the construction's form. These two characteristics—general meaning and an iconic relation between form and meaning—suggest that the IRC does not represent a problem for the traditional lexicon-syntax division.

**Palavras-chave:** Grammatical construction, iconicity, closed-class forms.

### Introdução

Na tradição gerativa, assumiu-se uma estrita divisão de trabalho entre sintaxe e léxico. Enquanto o léxico encarregava-se da expressão de conteúdo semântico, sintaxe lidava com o arranjo e estrutura interna de frases. Construções sintáticas eram encaradas como desprovidas de conteúdo semântico. De acordo com esse pressuposto, devia ser possível analisar todo o sentido de uma frase como a soma das individuais contribuições semânticas das palavras usadas nessa frase. Nesse quadro, elementos gramaticais não traziam qualquer sentido. No entanto, essa ideia gerativa, denominada por Jackendoff de “composição semântica sintaticamente transparente” (*syntactically transparent semantic composition*)(JACKENDOFF, 1997, p. 48) recentemente tem sido rejeitada por linguistas cognitivos que observavam diversos efeitos semânticos gerados precisamente por elementos sintáticos. Tornou-se

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade da Silésia. Sosnowiec-Polônia. Correio eletrônico: konrad.szczesniak@gmail.com.

assim comum, especialmente no âmbito da Gramática de Construções, abordar construções como elementos portadores de sentido, ou seja “pareamentos de sentido e forma” (*pairings of meaning and form*) (GOLDBERG, 1995, p. 4), uma visão cuja origem pode ser traçada até a definição de construção de Lakoff (1987, p. 467) como

uma configuração de elementos sintáticos (tais como *oração, substantivo, preposição, gerúndio, etc.*) pareado com um sentido e / ou uso associado com essa configuração<sup>2</sup>.

Esta nova visão do que constitui a construção está logicamente associada com uma outra inovação da linguística cognitiva, nomeadamente a revisão da divisão léxico-sintática. Enquanto o léxico e a sintaxe eram antigamente considerados como duas componentes disjuntas, agora são vistos como dois extremos de um contínuo sem uma clara divisão. Agora acredita-se que todas as formas linguísticas se encontram num vasto *constructicon*, ou seja um léxico todo-inclusivo que contém não apenas formas lexicais singelas, mas também expressões multipalavras, locuções parcialmente preenchidas e padrões sintáticos inteiramente esquemáticos. O *constructicon* é assim uma alternativa à arquitetura modular da linguagem que postulava uma clara linha divisória entre o léxico e a sintaxe, uma visão que se tornou cada vez mais indefensável. Quando a pesquisa apontava cada vez mais formas transitórias, ficou evidente que a linha separando o léxico e sintaxe é inerentemente nebulosa. Nas palavras de Langacker,

Não há uma distinção sensata entre a gramática e o léxico. Léxico, morfologia e sintaxe formam um contínuo de estruturas simbólicas que diferem em vários parâmetros mas só podem ser divididos em componentes separados de uma forma arbitrária. (LANGACKER, 1987, p. 3)

## **Idiosincrasia**

Um dos motivos que impulsionou a revisão da divisão de léxico e sintaxe foi a observação da existência de várias formas idiosincráticas no lado sintático da divisão. Expressões idiomáticas e várias construções cujas formas e sentidos extraordinários não obedecem a regras gerais dificilmente se encaixam no modelo da gramática gerativa. Enquanto proponentes da divisão tinham consciência de tais formas, e delegavam-nas para a

---

<sup>2</sup> “a configuration of syntactic elements (like *clause, noun, preposition, gerund, etc.*) paired with a meaning and/or use associated with that syntactic configuration.”

“periferia”, reservando o núcleo da sintaxe (*core*) para formas regulares, tornou-se claro que o número das formas irregulares sugere uma considerável periferia, de fato tão enorme que não se pode descartá-la como uma parte “menos relevante” da linguagem.

Estudos recentes de construções eram motivados por uma ambição de apontar que sua existência não é um resultado banal de princípios mais gerais. Já que um dos atributos mais óbvios de uma construção é sua forma, em muitas ocasiões ressaltou-se que uma ou outra construção tem uma extraordinária morfossintaxe. Por exemplo, em um estudo de verbos inovativos japoneses, Tsujimura e Davis defendem que “nenhuma das propriedades relacionadas com a forma, isto é, propriedades fonológicas e morfológicas, pode ser atribuída aos substantivos dos quais os verbos inovativos derivam.”<sup>3</sup>(TSUJIMURA & DAVIS, 2011, p. 801) Bachmann (2013) enfatiza a idiosincrasia formal da construção inglesa *go-V* (*go get it; go tell him*), em que o verbo *go* só pode aparecer na forma base, sem poder ser usado como gerúndio ou no passado (*\*He went get it*).

Esses estudos fazem parte de um costume de salientar formas estranhas de construções, o que é talvez uma consequência de seguir a muito citada definição de construção de Goldberg (2006, p. 5):

Qualquer padrão linguístico é considerado como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das suas partes componentes ou outras construções previamente estabelecidas.

Um exemplo frequentemente apresentado como um modelo de construção idiosincrática é a chamada CRI ou Construção de Reação de Incredulidade (*Incredulity Response Construction*)<sup>4</sup>, ilustrada aqui através dos seguintes exemplos em inglês.

- (1) a. What, me worry?  
       O quê, eu-<sub>acc</sub> preocupar?  
       ‘O quê, eu, preocupar-me?’  
    b. What! John get a job! (Fat chance.)

3 “...each of the properties related to the form, i.e., phonological and morphological properties, cannot strictly be attributed to the base nouns from which innovative verbs are derived.”

4 também conhecida como a Construção de Revista Mad (*Mad Magazine Construction*). Aqui só vou usar o nome Construção de Reação de Incredulidade (CRI).

- O quê! João conseguir um emprego! (Gorda hipótese)  
'O quê! João, conseguir emprego! (Impossível!)
- c. My boss give me a raise?! (Ha.)  
Meu chefe dar-me um aumento de salário?! (Ah.)  
'Meu chefe dar-me um aumento de salário?! (Ah.)'
- d. Him wear a tuxedo?! (Sure.) (exemplos 1a-d em(AKMAJIAN, 1984, p. 2))  
Ele-<sub>acc</sub> vestir smoking?! (Claro.)  
'Ele de smoking?! (Claro.)'

A CRI existe também em português, como nos exemplos abaixo.

- (2) a. O quê? Eu? Cozinhar?  
b. Ele, trabalhar? Nem pensar!  
c. Ele? jogar xadrez!? Ele nem sabe jogar damas!

O objeto de considerável atenção tem sido especialmente a versão inglesa da CRI, cuja forma parece bastante idiossincrática, pelo menos à primeira vista: o sujeito nas frases em (1a) aparece no acusativo e o predicado tem forma de infinitivo. Como é de esperar, muitos autores apontaram suas peculiaridades formais para cimentar seu estatuto construcional. Taylor (2002, p. 568) sublinha a "sintaxe distintiva" e "notáveis propriedades fonológicas". Lambrecht (1990, p. 220) defende que a construção é "composta de constituintes oracionais que são perfeitamente ordinárias no que diz respeito à estrutura morfossintática interna, mas se combinam de uma forma extraordinária, própria de uma construção." Argumenta também que frases com a CRI "constituem um tipo formal em si próprio, que não se pode explicar em termos de propriedades sintáticas nem pragmáticas mais gerais." (1990, p. 218) De mesmo jeito, Goldberg e Casenhiser defendem que "a construção não obedece a regras gerais de inglês" (GOLDBERG & CASENHISER, 2007, p. 344) Tomasello observa que a CRI é "uma construção altamente idiossincrática que tem pouco em comum com outras construções de inglês"(2009, p. 104).

Obviamente, forma idiossincrática não é um pré-requisito do estatuto de construção. Kay (2004) mostra que algumas construções podem ter forma e sentido bem regulares, mas ainda assim devem ser

consideradas construções por serem ancoradas. Kay argumenta que uma “construção pode permanecer exclusivamente interpretacional, sendo privada de peculiaridades de morfossintaxe”<sup>5</sup>(KAY, 2004, p. 695).

### **Confusão de ancoragem e idiosincrasia**

Gostaria de propor que grande parte da questão de idiosincrasia está sendo exagerada e de fato, muitos de seus casos podem não passar de uma ilusão provocada por ancoragem (*entrenchment*). A confusão se deve ao fato de que a associação entre ancoragem e imprevisibilidade é bastante natural e segue de premissas válidas. Como Goldberg observou, “é claro que tem que ser aprendido e armazenado todo conhecimento da linguagem que não se pode prever a partir de outros fatos.”(GOLDBERG, 2006, p. 64) Isto significa que cada irregularidade tem que ser memorizada, mas o tal não ocorre no sentido oposto. É um equívoco pressupor que uma propriedade ancorada deve ser automaticamente imprevisível (já que precisa ser decorada). No caso de frases com a CRI, sua forma convencional é um estímulo atraente, porém enganoso, para a considerar como uma forma idiosincrática. A própria Goldberg admitiu que “padrões são também armazenados desde que sejam frequentes o suficiente, mesmo que se trate de usos inteiramente regulares ... e assim previsíveis” (p.64)

Na verdade ancoragem e idiosincrasia são questões separadas. Uma propriedade pode ser convencionalizada e ancorada mesmo quando seja perfeitamente regular e previsível. Por outras palavras, ancoragem de uma propriedade não significa automaticamente que ela seja idiosincrática. Taylor dá o exemplo da expressão *Have a nice day* (‘Tenha um bom dia’) como uma forma altamente ancorada apesar de não ser muito idiomática—seu sentido pode ser previsto a partir dos significados dos componentes individuais e da semântica da construção imperativa (TAYLOR, 2004, p. 63).

É muito natural fazer a associação automática entre ancoragem e idiosincrasia e isso é evidente na objecção de Lambrecht à ideia de que as propriedades da Construção de Reação de Incredulidade “podem ser explicadas com base em princípios pragmáticos gerais, pelo que não há necessidade de determiná-las na descrição sintática

5 “The construction can remain exclusively interpretational, lacking idiosyncratic peculiarities of morphosyntax.”

da construção” (LAMBRECHT, 1990, pp. 218-219)<sup>6</sup>. Ele acrescenta que omissão de propriedades por serem “óbvias” sera como dizer que “na descrição de uma bicicleta não é preciso mencionar rodas porque a presença de rodas segue da finalidade de locomoção da bicicleta.”<sup>7</sup> (p. 226)

### **A questão de sentido**

Atualmente, supõe-se que formas linguísticas são simbólicas em natureza (LANGACKER, 2008), o que significa que todas as formas, incluindo palavras gramaticais e construções, carregam algum sentido. No entanto, no âmbito da Gramática de Construções, a Tese Simbólica passou a ser interpretada de maneira mais extrema. Nomeadamente, muitos autores partem da pressuposição de que formas de classes fechadas deveriam ter um potencial semântico ilimitado, tal como as formas de classes abertas. Isso é por vezes uma suposição implícita de várias análises construcionistas ou uma declaração aberta, como no caso de Kay e Michaelis que defendem que “provavelmente todo e qualquer tipo de significado que ocorre pode ser a contribuição semântica de uma construção.” (KAY & MICHAELIS, 2012, p. 2278) Do mesmo modo, Goldberg argumenta que “a descrição das ricas restrições semântico-pragmáticas e complexas restrições formais sobre os padrões (lexicais) se estende facilmente sobre padrões mais gerais, simples e regulares.” (GOLDBERG, 2006, p. 5). Por outras palavras, não há uma separação nítida entre o léxico (de rica semântica) e a sintaxe (de semântica limitada), mas sim uma sintaxe que na verdade não difere muito do léxico em termos semânticos.

Tudo isso está em conflito com a visão tradicional da divisão entre o léxico e a sintaxe. Palavras gramaticais não deveriam ter tal potencial semântico. Mesmo que elas se refiram a informações visuais, como no caso de preposições direcionais, elas fornecem somente delineações esquemáticas de cenas e não incluem detalhes de situações específicas que elas descrevem. Por definição, formas gramaticais são demasiado abstratas e gerais para poderem gerar imagens mentais vívidas de

---

<sup>6</sup> “be accounted for in terms of highly general pragmatic principles and may therefore be left unspecified in the syntactic description of the construction.”

<sup>7</sup> “in the description of a bicycle one doesn’t have to mention the wheels because the presence of wheels follows from the locomotive purpose of the bicycle.”

quaisquer situações, porque como defende Langacker, sentidos gramaticais “são pouco mais do que habilidades cognitivas aplicáveis a qualquer conteúdo.” (2008, p. 539) Outrossim, Cruse sublinha que os elementos gramaticais devem ser flexíveis o suficiente para poderem se juntar a variados itens lexicais. Ele cita o exemplo da noção do tempo passado que se pode “juntar sem anomalia a virtualmente qualquer noção verbal concebível.”(CRUSE, 1986, p. 5)

Sentidos de formas gramaticais que parecem ir para além do conteúdo abstrato e geral são pouco plausíveis. Quando examinados mais de perto, eles revelam-se mais gerais e esquemáticos do que parecem à primeira vista. Tal é o caso do sentido da Construção da Reação de Incredulidade que vou analisar no presente estudo. Embora ela pareça transmitir um significado bastante rico e detalhado, uma análise mais minuciosa de usos e propriedades formais revela que a essa construção não é muito diferente de outras construções gramaticais cujas propriedades são consistentes com a visão tradicional da divisão lexico-sintática.

No presente estudo gostaria também de mostrar que há menos idiosincrasia do que se costuma supor. Além disso, embora seja bastante claro que a convencionalização observada por muitos autores não pode ser uma ilusão, há menos convencionalização também.

A tese mais geral é a de que a divisão entre o léxico e a sintaxe não deve ser considerada como um equívoco da história, como foi descrita por vários autores tais como Jackendoff(2007, p. 53) que a chamou de um “erro fundamental”. Mesmo que essa divisão se imagine como um contínuo, a verdade é que formas gramaticais diferem qualitativamente de palavras lexicais.

A seguinte análise vai procurar demonstrar que não existem exceções a divisão lexico-gramatical. Formas gramaticais não têm conteúdo semântico rico comparável com formas lexicais. Até mesmo exemplos de padrões gramaticais aduzidos na literatura como amostras de potencial semântico inesperadamente forte revelam-se portadores de sentidos típicos de classes fechadas.

## **A Construção da Reação de Incredulidade**

*Um esboço geral*

A primeira impressão é a de que a Construção de Reação de Incredulidade (CRI) transmite uma interpretação bastante invulgar para os padrões de formas gramaticais. Nomeadamente, a construção foi descrita por construcionistas como um meio de comunicar forte dúvida. Nos exemplos abaixo, o falante pode ser visto como rejeitando a ideia incluída no enunciado

(3) a. Sofia! Não acredito! Bem vêes que não acredito! -- repetiu Catarina, rebelde à evidência. ... Não sabem que coração está aqui, o que é esta rapariga! **Ela, roubar, ela!** (Fiódor Dostoiévski, *Crime e Castigo*)

b. O quê? **Ele, acordar cedo?** Nunca!

c. **Ela, ajudaralguém?!**Boa sorte!

d. Como? **Ele, correr maratonas?** É brincadeira, pois não?

e. **Ele... astronauta?!**

Como se pode ver, a construção em questão é uma fórmula inteiramente esquemática, sem qualquer material lexical pré-inserido. Trata-se de uma configuração na qual são especificadas somente as categorias de palavras que podem ocorrer na construção: o sujeito e predicado com verbo na forma de infinitivo ou com verbo omitido (3e). Sendo assim, parece razoável considerar a construção como uma forma de classes fechadas comparável com construções de tempo passado, imperativo, ou outras tais sequências esquemáticas<sup>8</sup>.

Por outro lado, o sentido de incredulidade acentuada não parece ser muito geral tal como se podia esperar de uma forma gramatical. Segundo os autores interessados na CRI, trata-se de uma forma de transmitir fortes emoções perante uma proposição "absurda, irrealista, despropositada" (TAYLOR, 2012, p. 86). Em um estudo que antecedeu o surgimento da Linguística Cognitiva por perto de um século, Bally observou que a construção emana um senso de indignação (1905, p. 8).

Além do sentido ser bastante insólito, a forma da construção tem sido considerada muito idiossincrática. Por exemplo, Michaelis

---

<sup>8</sup> De fato, Akmajian (1984) defendia que a construção parece ser relacionada com o imperativo. Embora a questão de relação entre a CRI e o imperativo seja um tema polêmico e a ideia de Akmajian foi contestada por Lambrecht (1990), é bastante claro que em termos de esquematicidade, as duas estruturas são semelhantes.

argumenta que a CRI “não tem muito a ver com a sintaxe comum de predicação e subordinação de inglês.”<sup>9</sup>(MICHAELIS, 2010, p. 169) Semelhantemente, segundo Barðdal e Eythórsson (2012), “a semântica da construção como um todo não pode ser derivada da semântica de suas partes nem da sua forma.”<sup>10</sup>(2012, p. 277)

Nas seguinte seção vou defender que a CRI não convencionaliza o sentido de incredulidade proposto na literatura. Em lugar desse sentido, vou apresentar uma interpretação alternativa. Ao mesmo tempo, a próxima seção almeja demonstrar que o sentido aqui apresentado tem uma reflexão icônica na forma da construção.

### *O sentido*

Ao arrepio da opinião generalizada, a Construção de Reação de Incredulidade não cumpre o papel inscrito no seu nome. Apesar das primeiras impressões, ela não serve para exprimir um senso de incredulidade.

- (4) a. Ela, viajar?  
 b. Eu, denunciar você para a polícia? Como você se atreve?  
 c. O quê? Ele, na cadeia?? Quando?!

Ao passo que uma interpretação de incredulidade se poderia aplicar a (4a), significando ‘Não acredito que ela viajasse’, deveria ser claro que (4b) não significa ‘Não acredito que eu denunciasses você para a polícia’. Embora em alguns contextos (4c) possa ser interpretado como ‘Não acredito que ele acabasse na cadeia’, a pergunta solicitando pormenores sugere que o falante está inclinado para aceitar a ideia.

Além disso, embora muitos exemplos apresentados na literatura se prestem à interpretação de incredulidade, outros usos sugerem que há neles algo mais do que a simples negação da ideia transmitida no enunciado. Por exemplo, em (5), em vez de estar incrédulo, o falante pode ser melhor descrito como sentindo alegria ou alívio. O que o falante quer dizer é questão de inferência a partir de contexto, expressão facial, tom de voz ou expressões que acompanham o enunciado (“Até

<sup>9</sup> “owes little or nothing to the ordinary English syntax of predication and subordination.”

<sup>10</sup> “...the semantics of the construction as a whole cannot be derived from either the semantics of the parts or from their form.”

que em fim!", "Besteira", "Mentira", etc.). Esses elementos adicionais não seriam necessários se a construção expressasse incredulidade como interpretação convencionalizada estável.

(5) Viagra? De venda livre? Até que em fim!

A interpretação de incredulidade atribuída à construção em causa tem uma alternativa mais geral. Nomeadamente, pode-se assumir que a escolha da CRI é um sinal de que a proposição consiste em duas partes mutuamente incoerentes. Tal interpretação tem a vantagem de abranger as diversas reações emocionais que a construção pode transmitir:

- (6) a. Ele, namorar com ela? (Inveja)  
b. Você, velejar em solitário ao redor do mundo?  
(Preocupação)  
c. Eles... ganhar uma medalha? Nossa... (Admiração)  
d. Ela, roubar de mim?! (Ira)  
e. O quê, Kim Jong-un? Maratonista? (Divertimento)

Mais um argumento a favor da interpretação de incoerência é que ela é um sentido encontrado em muitas palavras gramaticais. Existem várias formas de classes fechadas que sinalizam incongruência no discurso (tais como marcadores concessivos). Portanto, incongruência é um significado muito mais plausível em uma construção gramatical do que incredulidade que, tanto quanto sei, não ocorre em nenhuma outra construção esquemática.

Por último, mas igualmente importante, ao contrário de incredulidade, incongruência pode ser derivada da forma da construção. É possível apontar uma correspondência icônica entre a interpretação e a curiosa composição da CRI. No que se segue, vou defender que a CRI tem uma configuração binária através da qual comunica uma falta de transição harmoniosa entre o sujeito e predicado.

*Configuração binária da CRI*

*Infinitivo, gerúndio ou substantivo*

Na descrição das propriedades formais da construção da reação de incredulidade, Taylor defende que

...a combinação das propriedades exibidas por expressões de reação de incredulidade aparece ocorrer somente nessa construção.<sup>11</sup> (2002, p. 569)

Uma das propriedades a que alude Taylor é a forma infinitiva do verbo. Essa propriedade pode parecer bastante idiossincrática e rara. No entanto, essa forma fica mais compreensível se for vista como uma maneira icônica de apontar uma interrupção da transição entre o sujeito e predicado. De fato, parece que o verbo não precisa ser usado na forma de infinitivo; qualquer forma não conjugada—ou até mesmo um substantivo—vai bastar:

- (7) a. A piada do ano: eu, cozinhando!  
b. Eu, fast food?

Em outras línguas também, o predicado pode incluir outras formas que não sejam o infinitivo. Em checo (8a) e polonês (8b), o verbo pode ser um gerúndio ou um substantivo cognato:

- (8) a. Oni a běhat / a běhaní / a běh?  
Eles e correr / e correndo / e corrida?  
'Eles, correr / correndo / corrida?'
- b. Oni i biegać / i bieganie / i bieg?  
Eles e correr / e correndo / e corrida?  
'Eles, correr / correndo / corrida?'

### *Unidades de entoação*

O sujeito e predicado de um enunciado de incredulidade são separados em "unidades de entoação" definidos por Chafe como "segmentações funcionais de discurso" (CHAFE, 1994, p. 57). Unidades de entoação vêm divididas por intervalos, mas suas demarcações também podem ser sublinhadas por entoação e acento. Uso de unidades

<sup>11</sup> "...the combination of properties exhibited by the incredulity response expressions turns out to be largely unique to this construction."

de entoação não é aleatório. É uma forma de refletir a interrompida fluência lógica entre o sujeito e predicado. As duas unidades são pronunciadas com entoação crescente (/) associada com interrogação, como no exemplo abaixo (9). Normalmente, o sujeito e predicado são também separados por uma pausa, como se ela fosse um momento para o falante pensar e identificar uma conexão lógica entre os dois elementos.

(9) Ele?/ Mentir?/

### *Conjunção*

A separação do sujeito e predicado é ampliada através do uso de conjunção. Como se pode verificar nos exemplos (10a-c) abaixo, em algumas línguas, a conjunção ocorre entre o sujeito e a oração verbal.

- (10) a. Já a vařit? To je vtip, ne?(checo)  
Eu e cozinhar? Isso é piada, não?  
'Eu cozinhar? Isso é piada, pois não'
- b. Ik en werken! Nee, voor werken voel ik niets, dank u. (holandês)  
Eu e trabalhar! Não, para trabalho sinto eu nada, obrigado.  
'Eu, trabalhar! Não, para trabalho não tenho vontade, obrigado.'
- c. Tema ja mängib malet? Ta ei oska isegi kabet korralikult mängida. (estoniano)  
Ele jogar xadrez? Ele não sabe sequer damas bem jogar.  
'Ele jogar xadrez? Ele nem sequer sabe jogar damas bem.'

Enquanto a conjunção acostuma juntar, aqui seu posicionamento pouco comum sugere que ela funciona como uma espécie de calço entre as duas partes da construção. Esse efeito contraintuitivo se deve ao fato de que a operação de conjunção normalmente deveria integrar dois elementos de comparável natureza (verbo com verbo, preposição com preposição, oração com oração, etc.) e na presente situação conjunção de dois elementos evidentemente discordantes é vista como justaposição que realça o contraste.

*Partes obrigatórias*

Como observou Lambrecht, “a oração substantiva e o infinitivo são de fato mutuamente dependentes um do outro.”<sup>12</sup>(LAMBRECHT, 1990, p. 224)Omissão de um deles levaria a anomalia.:

- (11) Falante A: Ouvi falar que você se casou.  
Falante B: \*?Casar-se! Que ideia é essa?

Para se obter o efeito de incongruidade, são necessárias duas partes. Vale reparar que teoricamente incredulidade poderia ser ativada por apenas um elemento. Pelo contrário, incongruidade só ocorre quando dois elementos estão em desacordo.

*Reversibilidade*

A impressão de separação icônica dos componentes é destacada através de inversão. Enquanto as mais frequentes são frases com sujeito na posição inicial (12a), o sujeito e predicado podem trocar de posição (12b). A mesma possibilidade existe em outras línguas. Em polonês (13a) e inglês (13b), também o sujeito pode aparecer depois do predicado.

- (12) a. O quê? Eu? Trabalhar?  
b. O quê? Trabalhar? Eu?

- (13) a. Co? Pracować? Ja?  
O quê? Trabalhar? Eu?  
b. What? Work? Me?  
O quê? Trabalhar? Eu?

A reversibilidade pode ter tida como evidência indireta de uma separação entre o sujeito e predicado, visto que elementos podem trocar de posição quando se encontram desarticulados.

Essas características sugerem que o sentido da construção não é um acidente idiossincrático. Muito pelo contrário, ele tem sua

<sup>12</sup> “the NP[+acc] and the infinitive are in fact mutually dependent on each other.”

justificação formal, o que quer dizer que a forma da construção não é uma configuração arbitrária: o sentido da construção deriva de seu arranjo formal. Uma análise semelhante da *x's way construction* em inglês (SZCZEŚNIAK, 2013) sublinha uma relação entre o sentido e a presença de material lexical na forma dessa construção. De modo semelhante, várias formas em português tais como a construção *darsubstantivo-ada* (SZCZEŚNIAK, 2014) também se revelam menos ricas em termos semânticos do que parece à primeira vista. A conclusão mais geral é que os sentidos de construções gramaticais esquemáticas não excedem os limites previstos na divisão entre o léxico e a sintaxe. Quando uma construção parece ter um sentido mais invulgar, ele pode ser explicado como vindo de um aspeto formal da construção.

## Conclusões

A questão principal na qual se concentrou o presente estudo é se um grupo de propriedades formais e semânticas encontradas na Construção de Reação de Incredulidade podem ser derivadas de princípios mais gerais. A resposta que surge é afirmativa. A CRI não é uma forma gramatical idiossincrática e seu sentido é refletido na forma, de acordo com a análise de Bally de que o sentido "emanando dos versos vem ... da forma da frase."<sup>13</sup> [Legallois (2012, p. 276)]. Para transmitir seu conteúdo semântico, a forma em causa emprega meios icônicos tais como reversibilidade, unidades de entoação ou verbo não-finito para sinalizar o sentido de incongruência. Sendo assim, a CRI não pode ser considerada como uma exceção à visão tradicional da separação do léxico e sintaxe, na qual formas de classes fechadas são tidas como mais limitadas em termos semânticos do que palavras lexicais de classes abertas. O sentido exprimido pela CRI é um conteúdo típico de uma forma de classes fechadas.

## Referências

AKMAJIAN, A. Sentence Types and the Form–Function Fit. **Natural Language and Linguistic Theory**, Volume 2, p. 1-23, 1984.

BACHMANN, I. Has go-V ousted go-and-V? A study of the diachronic development of both constructions in American English. In: HASSELGÅRD,

---

13 "emanat[ing] from the verses are ... in the form of the sentence."

H.; Ebeling, J.; EBELING, S. O. (eds.). **Corpus Perspectives on Patterns of Lexis**. Amsterdam: Benjamins, 2013, p. 91-112.

BALLY, C. **Précis de Stylistique**. Genève: A. Eggimann et Cie., 1905.

BARÐDAL, J. & EYTHÓRSSON, T.. Reconstructing syntax: Construction grammar and the comparative method. In: BOAS, H. C.; SAG, I. A. (eds.). **Sign-based construction grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012, p. 257-308.

CHAFE, W. **Discourse, Consciousness, and Time**: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CRUSE, D. A. **Lexical Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A.; CASENHISER, D. English Constructions. In: AARTS, B.; MCMAHON, A. (eds.). **The Blackwell Handbook of English Linguistics**. London: Blackwell, 2007, p. 343-355.

GOLDBERG, A. E. **Constructions At Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JACKENDOFF, R. **The Architecture of the Language Faculty**. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.

JACKENDOFF, R. **Language, Consciousness, Culture**: Essays on Mental Structure. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.

KAY, P. Pragmatic Aspects of Grammatical Constructions. In: HORN, L. R.; WARD, G. (eds.). **The Handbook of Pragmatics**. Oxford: Wiley, p. 675-700, 2004.

KAY, P.; MICHAELIS, L. A. Constructional Meaning and Compositionality. In: MAIENBORN, C.; VON HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (eds.). **Semantics**: An International Handbook of Natural Language Meaning: Volume 3. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 2271-2296.

LAMBRECHT, K.. What, Me Worry? -- Mad Magazine Sentences Revisited. **Proceedings of the Sixteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 215-228, 1990.

LANGACKER, R. W.. **Foundations of Cognitive Grammar**: Theoretical Prerequisites, Volume 1. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**. A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEGALLOIS, D. From grammaticalization to expressive constructions. In: BOUVERET, M.; LEGALLOIS, D. (eds.). **Constructions in French**. Volume 13 of Constructional approaches to language. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 257-281, 2012.

MICHAELIS, L. A. Sign-Based Construction Grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, p. 155-176, 2010.

SZCZEŚNIAK, K. You can't cry your way to candy: Motion events and paths in the x's way construction. **Cognitive Linguistics**, 24(1), p. 159-194, 2013.

SZCZEŚNIAK, K. Quanto significam as construções? Sentidos de formas de classes fechadas. **Cadernos de Letras UFF**, Anáfora e correferência: temas, teorias e métodos, Volume 49, p. 309-326, 2014.

TAYLOR, J. R. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TAYLOR, J. R. The ecology of constructions. In: RADDEN, G.; PANTHER, K. (eds.). **Studies in Linguistic Motivation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 49-73.

TAYLOR, J. R. **The Mental Corpus**. How Language is Represented in the Mind. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009.

TSUJIMURA, N.; DAVIS, S. A Construction Approach to Innovative Verbs in Japanese. **Cognitive Linguistics**, 22(4), p. 797-823, 2011.

Recebido em 29 de jan. de 2015.

Aceito em 22 de abr. de 2015.